Miriam Lifchitz Moreira Leite
(1926-2013)

Presença marcante entre antropólogos

Miriam nos deixou na noite do dia 16 de fevereiro. Esta notável pesquisadora integrava nosso grupo de pesquisa – o GRAVI – Grupo de Antropologia Visual, há quase vinte anos, desde que a convidei a participar como uma das pesquisadoras principais do projeto temático FAPESP que eu coordenava.

A antropologia visual começara na USP no início de 1990, com a criação do LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia – e é em meados da década de 1990 que esta linha de pesquisa começa a tomar fôlego. Os trabalhos em que Miriam analisava fotos de família captadas entre 1880 e 1940 – Retratos de Família, publicado pela EDUSP em 1993 – além de inúmeros artigos seus sobre retratos de casamento e famílias de imigrantes, a maioria deles escritos ao longo da década de 1990, constituíam bibliografia obrigatória nos cursos de antropologia visual, que tiveram início nesta época.

Miriam nos cativava não apenas com seus textos. Sua simplicidade e, ao mesmo tempo, sua enorme profundidade frente a todos os fatos da vida eram elementos preciosos num grupo de jovens pesquisadores. Era para ela que eu encaminhava os pesquisadores interessados em análises de fotografia. Generosa e sempre disponível, ela recebia estes estudantes de braços abertos. Ao assessorar estes pesquisadores, levava-os a experimentos de percepção visual, mostrando a possibilidade de extrair das fotografias o que elas não tinham de aparente, ou o que nelas era latente.

Tendo se aposentado compulsoriamente em 1996, Miriam estava muito insatisfeita com o espaço que havia sido reservado a ela e seu acervo pelo Departamento de História. Fiz-lhe a proposta para que ela transferisse seu acervo para o LISA – Laboratório de Imagem e Som em Antropologia, onde ela poderia também trabalhar com a ajuda da monitora que contratamos – Milena Mateuzi Carmo – na organização da documentação que havia recolhido sobre os viajantes do século XIX.

A presença de Miriam em nosso grupo de pesquisa era marcante. Era sempre doce e receptiva, mas sabia ser extremamente firme e rigorosa em suas críticas quando

lhe parecia que algum projeto não seguia os caminhos da ética e do rigor científico. Participava ativamente de todas as reuniões, discutia conosco os filmes que eram produzidos, sugeria leituras para nossos seminários.

Além de se debruçar sobre análises de fotografia e a literatura sobre os viajantes, Miriam L. Moreira Leite foi das primeiras intelectuais em São Paulo a se envolver na luta pelos direitos das mulheres. Em 1984 Miriam havia publicado pela editora Atica *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. A história dessa professora mineira, que havia lutado contra formas de autoritarismo e repressão e que havia fascinado Miriam em suas pesquisas de doutorado, parecia ser um tema privilegiado para experiências no campo do audiovisual a que nos dedicávamos no GRAVI. *Maria Lacerda de Moura – Trajetória de uma Rebelde* é um filme de 33 minutos, dirigido por Miriam e Ana Lucia Ferraz e finalizado em 2003. Além de Miriam e Ana Lúcia, participaram do roteiro Gianni Puzzo, Lucas Fretin, Mariana Chama e Yara Schreiber. Neste docudrama é Rita de Almeida Castro, atriz, antropóloga e pesquisadora do GRAVI quem interpreta Maria Lacerda.

Para a realização do filme, além da pesquisa documental de filmes e fotografias, a equipe liderada por Miriam dirigiu-se a Barbacena e Guararema, para várias entrevistas. No filme ela revê sua extensa documentação sobre esta feminista espírita e anticlerical que lutara pela emancipação feminina. Foram longos meses na elaboração deste filme, que envolveu em sua equipe inúmeros pesquisadores do GRAVI em diferentes níveis da carreira acadêmica e com talentos e competências muito diversos. Para mim era nítido o quanto Miriam rejuvenescia ao conduzir a equipe e falar sobre Maria Lacerda de Moura, com quem ela certamente partilhava inúmeras afinidades. Por outro lado, lembro-me bem do quanto ela sofria com as inevitáveis desavenças entre os pesquisadores sobre o modo de condução do documentário. Pessoalmente gosto do resultado final do filme. Numa entrevista a Monica Raisa Schpun sobre a realização do filme (publicada em *Cadernos Pagu* [22] 2004: pp 329-342) Miriam relata a densidade de seu material sobre Maria Lacerda e as dificuldades de transposição das ideias desta feminista para o filme, realizado por uma equipe tão heterogênea, onde não se estabelecia uma nítida hierarquia e ela não via meios de disciplinar o grupo. Hoje já não

sei se prefiro o filme ou a entrevista de Miriam falando sobre esta realização que nos mobilizou por tanto tempo e que traz depoimentos preciosos sobre a dinâmica de um grupo de pesquisa.

De qualquer modo, um dos resultados deste filme foi um melhor reconhecimento, pelos pesquisadores, que tínhamos entre nós uma preciosidade: a própria Miriam!

No ano 2000 havíamos criado no GRAVI a série Trajetórias, filmes que permitem abordar a produção de conhecimento na Antropologia por meio da imersão na obra e na vida de cada autor e de suas estratégias, na pesquisa de campo e nos desdobramentos políticos ou literários de sua atividade profissional. Caminhos da Memória é um filme de 3 pesquisadoras do GRAVI, Ana Lúcia Ferraz, Andréa Barbosa e Francirosy Ferreira, com fotografias de Mariana Chama sobre a vida e a obra de Miriam Moreira Leite. Neste filme a questão da mulher, do amor, a vida intelectual e a temática da memória são trabalhados, por meio de uma estratégia que Miriam sempre usou com talento: observar fotos para fazer renascer a memória.

O filme faz Miriam abrir as caixas de fotografias de sua própria família, o que lhe permite reviver seu passado, seus tempos como atriz no Teatro Universitário, criado na época da Segunda Guerra por Décio de Almeida Prado e que era uma das únicas alternativas culturais na cidade de São Paulo, até por volta da década de 1950. Miriam tem no teatro a única escolha que ela assume com certeza de que era aquilo que queria efetivamente fazer.

Mas a carreira de atriz é abandonada um pouco antes de casar-se com Dante Moreira Leite, que havia conhecido ainda enquanto estudava. Os dois filhos, Ruth e Rui, vem logo depois e ter que enfrentar a vida de mãe e dona de casa, ou sentir-se desqualificada ao ser tratada como a “mulher do professor” fazem Miriam perceber que havia ainda um longo caminho a ser percorrido para a emancipação e verdadeiro reconhecimento da mulher.

Miriam passeia com a equipe de pesquisadoras pelo Jardim da Luz, o mesmo local em que havia sido fotografada em 1935. São muitas as caixas do passado, muitas as possibilidades de lidar com algo que é,

para Miriam um processo dinâmico a ser reavivado: a memória. É neste processo fílmico e de vida que as pesquisadoras descobrem uma faceta de Miriam que ainda não conhecíamos: Miriam é também escritora. São muitos os contos que escrevera ao longo de sua vida, desde a década de 1940. Vários trechos de seus contos são utilizados neste filme sobre ela. Alguns escritos ainda à mão, outros datilografados em cópias que esmaeciam, foram digitalizados por Alexandre Kishimoto, pesquisador do GRAVI e organizados por Miriam e Ana Lúcia Ferraz. O material era tão interessante que Miriam se sentiu estimulada a publicá-lo. *Roteiros Inconscientes* saiu em 2010 pela Editora Mulheres.

Em 2006, na homenagem por ocasião de seus oitenta anos, coordenada por Mariana Vanzolini, funcionária do LISA a quem ela tanto se afeiçoara, reunimos pesquisadores dos diferentes grupos com que Miriam se envolvera: o NEMGE - Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher (do qual Miriam foi uma das fundadoras, em 1985), o CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos e inúmeros pesquisadores do GRAVI – o Grupo de Antropologia Visual, do qual Miriam participava desde 1996.

Miriam deixa entre nós uma imensa saudade. Como disse Clarice Peixoto, ao saber de seu falecimento, “Miriam Lifchitz Moreira Leite deixará saudades de seu lindo sorriso, do olhar afetuoso e, principalmente, das suas reflexões sobre família, memória e fotografia de família”. Miriam fez História, nos vários sentidos dessa palavra; para nós antropólogos, sua imagem terá lugar de destaque em nosso álbum de família.

Notas:

Livros e artigos de Miriam Lifchitz Moreira Leite podem ser acessados em seu lattes, e em *Anthropologicas* (ano 13, vol. 20(1+2), 2009, p. 351-354.

Maria Lacerda de Moura, Trajetória de uma Rebelde é acessível em <http://vimeo.com/35898796>.

Caminhos da Memória – Trajetória de Miriam Moreira Leite é acessível em <http://vimeo.com/album/1924994/video/35325369>.

As fotos que integram este texto são de autoria de Mariana Chama.

Sylvia Caiuby Novaes
Coordenadora do GRAVI e do LISA